





# EXPEDIENTE

## EQUIPE:

COORDENADOR DO PROJETO: RENAN XAVIER  
ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DÉBORA COTA  
IDEALIZADORA E EDITORA: MICHELE DACAS  
BOLSISTAS: RAFAEL MAIER E DANTO GIARDINA  
DIAGRAMAÇÃO: RAFAEL MAIER E ANITA DELVALLE  
ILUSTRAÇÃO: ANITA DELVALLE

## COLABORADORES:

ADOLFO DELVALLE  
FRAN REBELATTO  
MARCOS LABANCA  
MARIA MARTELO  
PATRÍCIA LIBRENZ  
VITOR TAVEIRA

# EDITORIAL

Agosto abre-se para os contrastes. Desagasalhamos da surpresa de ventos indecisos, ora repentinos e úmidos, ora quentes e duráveis. São cambios de uma estação que já não cabe em sua própria definição. E assim como o temperamento desse clima, que já não sucumbe a uma única ventania, é que esta nova edição da REVISTA PEABIRU também transforma a sua própria identidade. Eis, agora, depois de 3 anos de trabalho coletivo, a nossa logomarca e o nosso código no mundo das publicações (ISSN - 2358-4831).

Mas as páginas de agosto seguem a mesma trajetória, perdem-se em ensaios do calor das gentes de uma ilha caribenha, por uma feira literária em Bogotá, e na memória de um documentário já roteirizado sobre Foz do Iguaçu. Ainda sobram letras pra falar de lendas ou chamar para o nosso espaço outros caminhantes. Como um periodista latino-americano e seu relato expedicionário pela festa do Sol. Assim como o Grupo PET/Conexões de Saberes que demarca seu território em nossa revistaria. Todos, soltando-se pelo eco de nossas vozes.



# ÍNDICE

6-8

TRABAJADORES DEL CARIBE

10

A SAGA DENTRO DA SAGA DA TERRA VERMELHA

12-14

PET: CORRIENTES DEL PARANA  
DIVERSIDAD EN CORTOMETRAJES

ENTREVISTAS:

XILOGRAVADORA

GRAFITEIRO E SKETISTA

16 BRASIL NA FEIRA INTERNACIONAL  
DO LIVRO DE BOGOTÁ 2014

18 FESTA DO SOL

20 CLARISA SE FUE CON LA BRISA...

22-24 QUEDA D'ÁGUA NA MENTE FLUIDA  
A TRANSCENDÊNCIA  
DA LENDA DAS CATARATAS



SOLTE-SE!

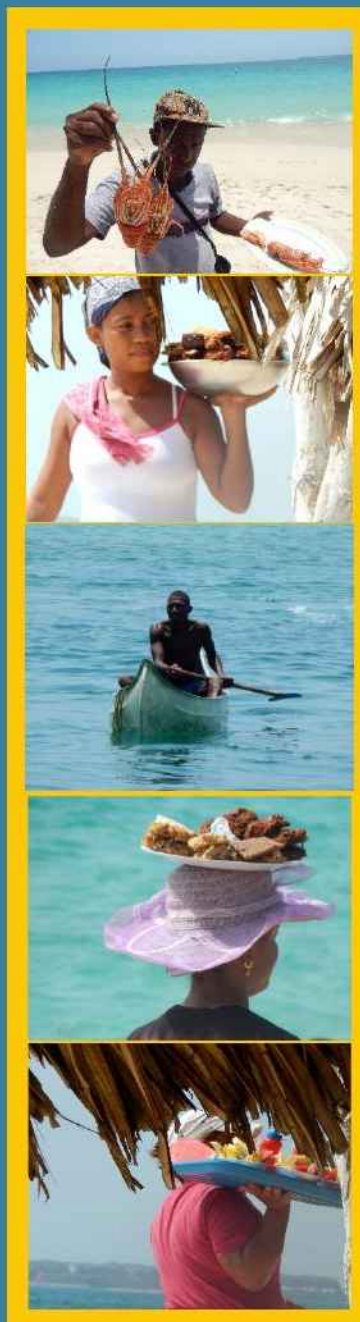
*"O sol é a nossa sombra".*

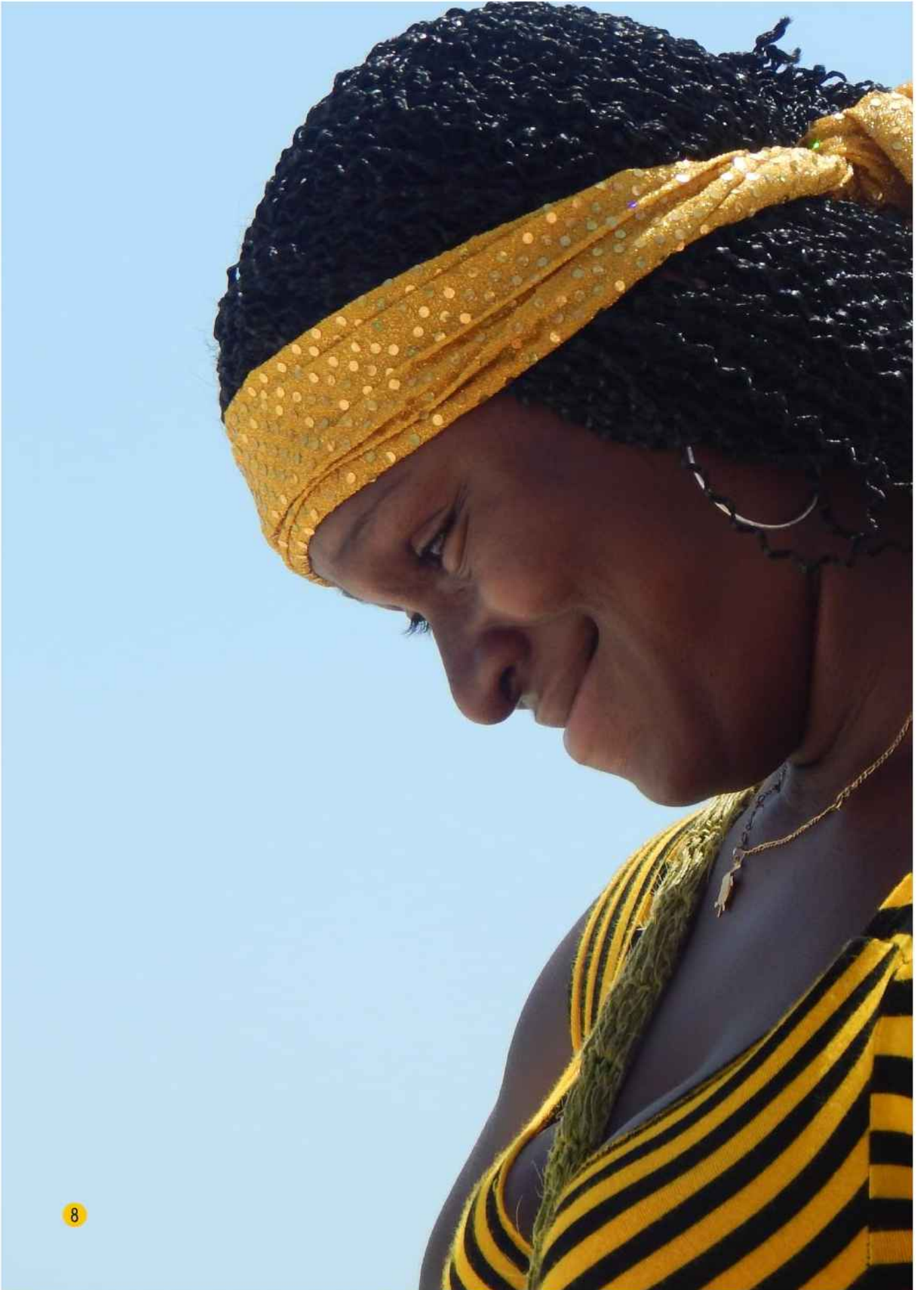


# Trabajadores del Caribe



Um ensaio fotográfico dos trabalhadores do Caribe que remete às cores e ao movimento daqueles que transformam um lugar exótico em seu cenário cotidiano. Os trabalhadores transitam todos os dias pela areia fina e branca das praias da ilha de Barú, localizada no litoral colombiano, mas o corpo, mesmo exposto ao sol, movimenta-se de costas para o oceano verde-esmeralda que os cerca. Poderia ser apenas uma indiferença diante de tamanha beleza se o que estivesse naquela areia não fosse, também, a tal sobrevivência, a qual para alguns visitantes é inoportuna e incomoda aquele aparente sossego que as vitrines do turismo conseguiram vender, mas que a realidade naquele estreito feixe de praia faz desaparecer diante dos nativos que gritam “cocada, collares, cerveza, piña, mangos, masage, pescados” e por aí vão eles... O incômodo frente à oferta interminável de produtos e serviços na praia é atenuado com o passar de uma gente que sorri e brilha







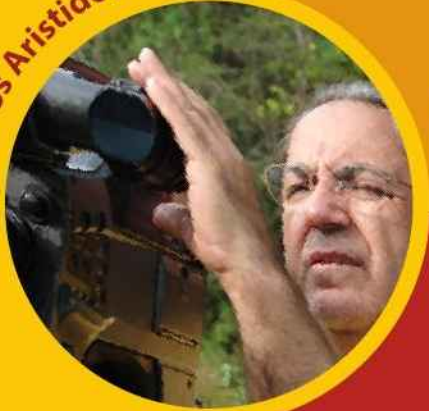


cotidianamente pelas areias da paisagem exótica. Uma visão que é somente perceptível, apesar das sonoridades, sacolejos e ornamentos que os revestem, aos sentidos dos visitantes mais atentos ao que é próprio do local e não ao que é mercantilizado dele.

Por essa reflexão que apresentamos o ensaio com vistas ao sensível das gentes que habitam o Caribe, seus gestos, seu trabalho e suas cores. Compartilhamos o transitar alegre descoberto pelo calor da ilha, sobre o qual a cozinheira Maria Garcia nos desautoriza qualquer julgamento quando afirma: "O sol é a nossa sombra".

Por Michele Dacas  
Revisão: Patrícia Librenz

Manaos Aristides Pereira



## A saga dentro da Saga da Terra Vermelha

Por Danto Giardina

Em 1999, começou o sonho do diretor Manoas Aristides Pereira. A ideia, realizar um mini-seriado que contemplasse a colonização do estado de Paraná, integrando atores profissionais e amadores, em uma megaprodução fora do eixo Rio- São Paulo. Tarefa difícil para o realizador de 54 anos (na época) mas que tem muita experiência em marketing e publicidade, pois ele trabalhou para a TV Brasil, Globo, e a TV Educativa, do Paraná.

O que Pereira não antecipou foram as enormes dificuldades de produção do seriado. Ele, junto à enorme equipe de mais de quatro mil pessoas, em diferentes momentos da filmagem, demoraram dez anos em terminar de gravar e finalizar o trabalho inteiro.

Em primeiro lugar, a problemática do financiamento se fez presente, criando a necessidade de desenvolver soluções criativas. A equipe de produção realizou *casting* em 17 municípios paranaenses, agregando interpretes não profissionais à equipe, em troca de aulas de atuação, assim, nesse esquema, as prefeituras dos locais ajudavam com permissões de filmagens, infraestrutura e alimentação.

Teve fatos curiosos, por exemplo, Daniel Petroscki, que interpretou um menino que, mas adiante, apareceria o mesmo personagem sendo adulto. Devido ao caso de demorar tanto tempo em produção, o mesmo ator interpretou os dois papéis do mesmo personagem, primeiro aos 11 anos, logo, aos 19, hoje o ator tem 24.

Pereira estima que a produção tivesse custado mais de R\$ 2 milhões, e que os maiores investimentos tenham sido construir cidades cenográficas em Marechal Cândido Rondon, Cascavel e Foz do Iguaçu.

A história tem uma característica narrativa bem particular, narrando uma história de grilagem de terras, revoltas de posseiros e mortes, entre as décadas de 30 e 60 do século passado. Inserindo também trechos baseados nos registros históricos pré-coloniais, como o encontro das cataratas em 1542 pelo conquistador espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (interpretado por Roberto Bon tempo) ou fatos mais

contemporâneos passagem da Coluna Prestes, liderada por Luiz Carlos Prestes, por Foz do Iguaçu na década de 20.

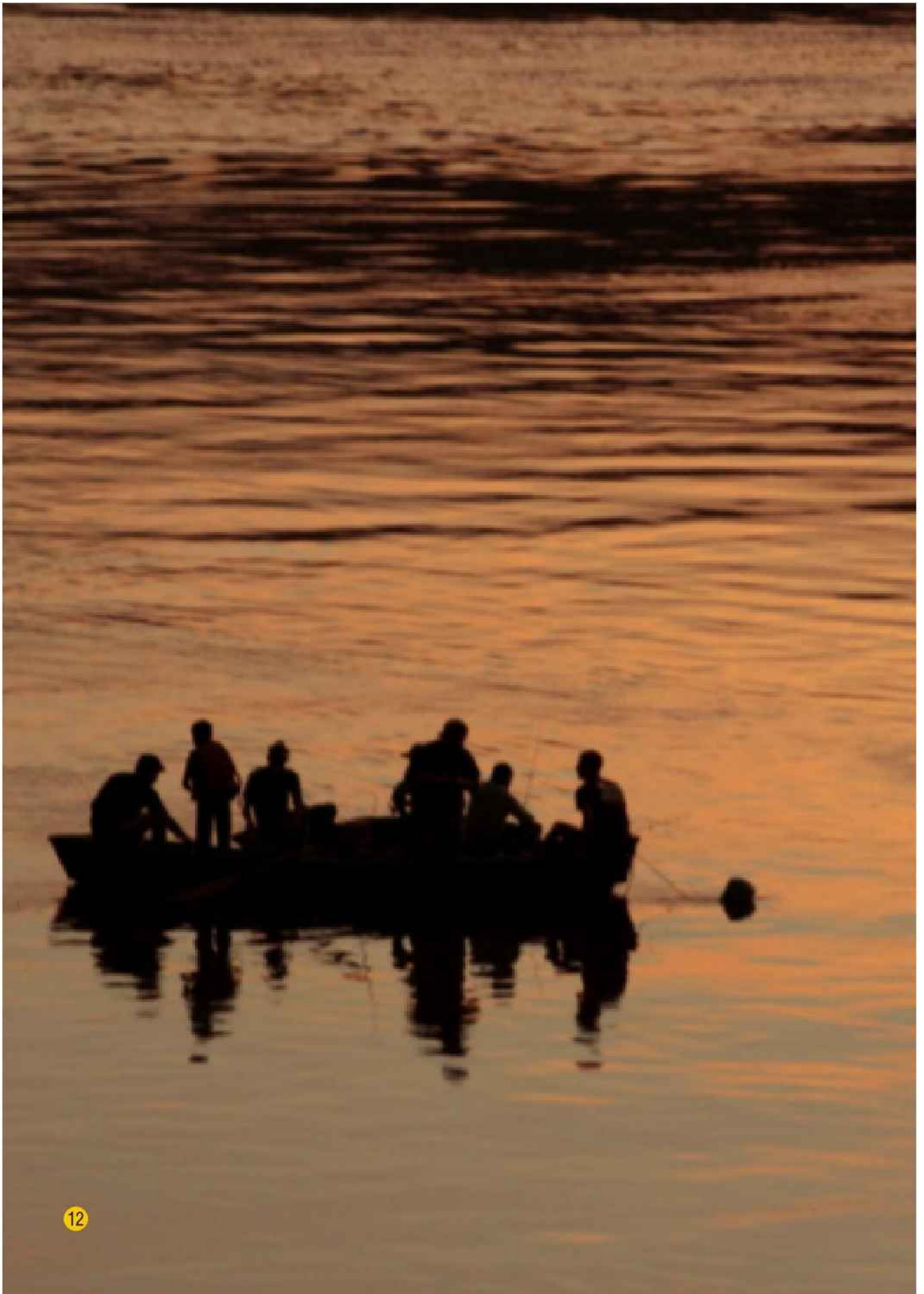
O seriado começa o primeiro capítulo nos anos 60, em Cascavel, fazendo alegoria a Aleixo Garcia, português que em 1525 chegou às terras vermelhas.

“Nho Jeca ouve rádio. Enquanto o menino Gabriel, filho de Terencinho Goulart, procura por livros, Nho Jeca começa a contar a história da região, que remonta aos primeiros homens brancos a pisar em terra paranaense”

A narrativa e a interligação dessas épocas distintas são feita pelo personagem padre Germano, interpretado por Valdir Fernandes. A final de 2009 foi estreado o seriado, sendo transmitido na TV Educativa, mantida pelo governo do Paraná, porém, isso foi só o início de uma outra saga, os anos seguintes não foi mostrada mais nas telas brasileiras, até nos inícios deste ano, quando a TV Brasil incluiu o produto na sua programação.

Segundo Alceu Moreira, responsável pela produção logística do seriado em Foz, e parte importante da pesquisa histórica, afirma que o diretor Pereira está manejando a possibilidade de revelar mais uma vez todos os capítulos através da TV Cultura, a nível nacional, depois de terminar a euforia da Copa do Mundo.

Veja mais em: <http://asaga.com.br/>



# CORRIENTES del PARANÁ



Hace algunos días la Pacha Mama nos abrazó con una caudalosa caricia de agua. Es que Foz de Iguazú acabó de cumplir 100 años el pasado 10 de junio y coincidentemente las Cataratas del Iguazú alcanzó la mayor concentración hídrica de su historia. A través del audiovisual, el proyecto de extensión Cinema na Curva do Río (Cine en la Curva del Río) se sumerge así por las diferentes corrientes de la denominada Bacía Paraná 3.

Partiendo siempre desde Foz de Iguazú y desembarcando hasta ahora en cuatro ciudades, los integrantes de Cine en la Curva del Río hemos pasado por caminos que nos conectaron directamente a quienes sin temor podríamos llamar hoy de amigos. Realizamos oficinas audiovisuales en Marechal Cândido Rondon, Itaipulândia, Toledo y Cascavel, respectivamente, lo que nos llevó a sentir de cerca parte de la esencia paranaense.

En cada ciudad compartimos durante tres jornadas una capacitación elemental sobre diferentes aspectos del cine. Comenzando por Teatro y Expresión Corporal, luego por Construcción de un Guión, Sonido y también Edición y Montaje, para finalmente dejar que los propios participantes creen, por grupo, un material audiovisual de aproximadamente tres minutos. Cada día de aula la enseñanza es mutua y vamos ejerciendo un trueque colectivo de ideas y conocimientos, pues a nosotros también nos toca ir aprendiendo particularidades de cada persona, equipo y ciudad.

El trabajo es arduo y no precisamente refiriéndonos al esfuerzo físico, sino de aquel que

requiere de una sensibilidad humana que se fusione con el conocimiento técnico del manejo de materiales audiovisuales y la magia de lo oportuno.

Desde el comienzo hasta luego del final de cada viaje vamos sintiendo así el agridulce sabor de ir recorriendo los espacios geográficos que nos unen y desunen a través de las poderosas corrientes del Río Paraná y sus diferentes vertientes. Una de ellas, y quizás la más común, es la que se da mirando desde las ventanas del bus, por el potente paisaje verde visible, algunas veces por la virgen vegetación de las tierras y otras por las infinitas plantaciones de soja o maíz. Dibujándose así una agresiva metáfora de apropiación sobre el gran terreno de la autonomía creativa y vivencias populares de la Bacía Paraná 3. Sin embargo, el arte trae luz y las historias que van naciendo se transforman en conexiones en saberes.

Por Adolfo Delvalle  
(Bolsista en el Programa de Educación Tutorial- "Conexiones y Saberes")  
Revisión y foto: Fran Rebelatto

# DIVERSIDAD EN CORTOMETRAJES

# PET

Los varios materiales hechos en cada ciudad encierran en sí mismo un mundo particular y revelador. Solo por mencionar algunos, podemos hablar del realizado en Toledo llamado "Memorias", que busca evidenciar la desaparición de los recursos naturales de la región a través de las vivencias infanto-juveniles de una anciana.

En la misma ciudad se grabó "El cielo está entre nosotros" haciendo referencia a las siglas CEU, del Centro de Arte y Deportes, como al significado de la palabra en portugués: cielo. En dicho material se exponen la vida de dos niños, uno que acude al centro y otro que no, evidenciándose las diferencias y similitudes entre ambos. Otro grupo optó por crear "Imagina la Copa", teniendo como referencia directa a la Copa Mundial Brasil 2014, en la cual se narra la experiencia de un argentino durante su corta estadía por el país.

En Cascavel se presentó "Jugada final", en el cual un hombre y un niño disputan una partida de ajedrez que expondrá un final totalmente inesperado. También nació "Agua vida", un trabajo que coloca al vital líquido como protagonista, a través de un montaje con preponderancia en la fotografía y el sonido. En fin, ya están disponibles en la Internet estos videos y de otras ciudades, como: "Venciendo las rivalidades", "Chacina de los pescadores", "Fantasma del pasado" y "La huelga", que se pueden ver en nuestro fanpage en el Facebook: Cinema Na Curva do Rio. No dejen de seguirnos, que más viajes vienen y nuevas historias necesitan ser develadas.

Cinema en la Curva del Río es un proyecto de extensión del curso de Cine y Audiovisual de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana que cuenta con el apoyo del Programa de Educación Tutorial "Conexiones y Saberes", en parceria con el proyecto Encuentros y Caminos del CAB.



## LUCIE SCHREINER\_xilografadora



Me chamo Lucie Schreiner, sou xilografadora, sou de Marechal Cândido Rondon, Paraná. A xilografia faz parte da minha vida desde 2009. É através dela que consigo expressar minhas inquietações.

Nas minhas xilogravuras se encontram os traços sinuosos marcados pela minha história, minha infância no campo, minha formação em Geografia, a minha estadia no Estado do Acre me manteve interessada pelas reflexões sobre as relações humana, sobre as relações que as pessoas mantêm com a natureza e sobre suas individualidades.

Cabe salientar, que a inspiração não vem dos problemas sociais, ambientais, econômicos que invadem o mundo com sombras, vem dos sonhos, da esperança que podemos transformar essa realidade e construir um mundo melhor com mais amor, fraternidade, equilíbrio e com muita luz, permitindo ver que a verdadeira riqueza se encontra na simplicidade da vida.

Essas reflexões dão início ao processo criativo, que por sua vez, pode levar horas, ou até dias, a imaginação pulsa intensamente e o sonhar acordado se torna comum, instante este, que surge a ideia. A tinta negra enveredando em curvas e sulcos abertos na madeira retrata histórias e sonhos. Digo sempre, que quando meus dedos doem por estar horas entalhando uma xilografia, é o momento em que minha alma sorri. Quando a obra é concluída, o pensamento que antes estava preso, passa a fazer parte do mundo e se transforma em cada olhar.

Contato:  
E-mail: [luciemaria@outlook.com](mailto:luciemaria@outlook.com)

## ISAAC SOUZA DE JESUS\_GRAFITEIRO E SKATISTA



Isaac encontrou no grafite uma nova forma de se expressar diante da sua realidade na periferia de Toledo. Foi na inauguração do Centro Unificado (CEU) das Artes e Esportes de Toledo quando ele estilizou uma bandeira do Brasil com o símbolo do CEU que ele ficou conhecido no Brasil e passou a circular por diferentes Ceu's do país para grafitar e compartilhar de sua arte. O CEU das Artes de Toledo foi o primeiro a ser inaugurado no Brasil e contempla atividades de artes e esportes para crianças e jovens, especialmente diante de vulnerabilidade social. A proposta é que sejam mais de 300 CEU em todo Brasil.

Isaac além de grafitar, também é professor da gurizada do CEU que estão aprendendo a se equilibrar em um skate. Entre a pista de skate e os spray do grafite, Isaac se converteu uma referência para os meninos de Toledo.

## BRASIL NA FEIRA INTERNACIONAL DO LIVRO DE BOGOTÁ, 2014

A Feira Internacional do Livro de Bogotá, FILBO, aconteceu entre os dias 29/04 e 12/05. O propósito da visita à Feira era observar concretamente a organização e a realização de uma das mais importantes feiras internacionais do livro na América Latina. Essas feiras, além de serem espaços lucrativos da indústria editorial, transformaram-se em lugares de intercâmbio cultural e de debates sobre a literatura latino-americana. O Brasil foi convidado de honra da 25ª edição, em 2012. Agora resta saber o que mudou de lá pra cá com relação a sua presença na FILBO.

A feira é organizada pela Camara Colombiana del Libro, em parceria com o Centro Internacional de Negocios y Exposiciones de Bogotá (CORFERIAS) - que disponibiliza uma área de 42 mil metros quadrados de exposição, com 23 pavilhões, em um lugar de fácil acesso e com ingressos a preços populares. São mais de 500 expositores e mais de 100 mil títulos em exibição e cerca de 300 mil visitantes. Chama a atenção a diversidade de atividades vinculadas a eixos importantes - um deles é o país convidado de honra: cerca de 40 escritores peruanos foram convidados e houve mostras de cinema, de culinária, exposições fotográficas entre outras atividades que somavam 300 atos culturais dentro e fora da feira.

Outro eixo interessante é o bloco de mesas de discussões intitulado Conversaciones que le cambiarán la vida, que apresentava um autor colombiano, um convidado estrangeiro (argentino, israelita, estadunidense, cubano, brasileiro, espanhol...) e/ou um autor peruano discutindo temas e livros mas, especialmente, a memória. O grande tema da feira também se fez presente no Encuentro Internacional de Periodismo, que ocorreu paralelo à feira. Entre esses

eixos, há que se destacar, ainda, os Foros del libro que são momentos de discussão, formação e encontro de editores e as grandes rodas de negócio da indústria editorial, das quais o Brasil também participa através da Câmara Brasileira do Livro.

A menos de um mês da morte do emblemático escritor colombiano Gabriel García Márquez, o evento prestou várias homenagens ao criador de *Cien años de soledad*. Destaca-se a bandeira colombiana a meio mastro e a mesa com os amigos de Gabo: a jovem escritora cubana Wendy Guerra, Zheger Haya e o escritor Jose Luiz Diaz, que contaram várias anedotas e aventuras com o escritor colombiano. A homenagem ainda se tornou mais vibrante com a presença do ícone da literatura peruana, o escritor Mario Vargas Llosa, que circulava pelos vários auditórios da Feira incitando, a quem observava, as lembranças da tumultuada relação dos dois escritores que, ironicamente, estavam sendo homenageados no mesmo momento.

Em se tratando da presença do Brasil na Feira, os destaques e os números já não são grandes. De escritores brasileiros convidados, contou-se apenas com a presença de Paulo Lins em uma das mesas de Conversaciones que le cambiarán la vida, abordando o tema "narrar na periferia". O estande com a responsabilidade de representar os países de língua portuguesa na feira era o do CERLALC (Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe), que, além da reduzida quantidade de livros, contava com títulos pouco representativos, principalmente, com relação ao Brasil. No mesmo nível encontrava-se a mesa de livros em língua portuguesa, recheada de panfletos turísticos sobre o Nordeste, que ficava na entrada do auditório onde ocorreu uma homenagem ao dia da língua portuguesa (04 de maio) e que contou com a





presença dos embaixadores do Brasil e de Portugal na Colômbia.

Neste terceiro momento da presença do Brasil, foram enfatizados alguns esforços de diálogo entre Brasil e Colômbia, como o fato de ter sido o país convidado de honra da Filbo em 2012; a participação do Brasil no Festival Iberoamericano de Teatro de Bogotá, em abril; e o lançamento da obra *Teatro contemporâneo brasileiro*, com tradução de cerca de 14 obras da dramaturgia brasileira, lançada no Festival.

O responsável pela presença de Portugal como país convidado de honra na Filbo de 2013, Jeronimo Pizarro, lamentou a ausência de mais livros em português na Feira e afirmou que apenas três editoras colombianas têm coleções abertas à lusofonia. Neste panorama árido, há apenas um estande que merece aplausos, sendo de interesse tanto para quem procurou bibliografia brasileira, como para quem buscou relações entre o Brasil e a região andina, que é mais raro: a mostra bibliográfica de literatura amazônica da Editora da Universidade Federal do Amazonas, com mais de 70 autores e títulos de diversas áreas sobre a região.

Em entrevista, o diretor da Cámara Colombiana del Libro, Henrique González Villa, ressaltou a importância do Brasil ter sido convidado de honra da Feira em 2012, fato, segundo ele, que levou o país a participar de outras importantes feiras no mundo, como a de Frankfurt. Quanto à descontinuidade do diálogo com o Brasil, que fora estabelecido naquele momento (2012), alega a distância de São Paulo em relação à Bogotá e a questão do idioma.

Para a participação do Brasil em 2012 houve uma série de esforços no ano anterior, como o início de traduções de

livros e a vinda de autores brasileiros à Colômbia, para despertar o interesse de editores colombianos para a edição de livros brasileiros, afirma o diretor. Conseguiram, portanto, a tradução de vários escritores brasileiros que não eram conhecidos na Colômbia e não haviam sido traduzidos pelas editoras da América Hispânica. Inclusive, chegaram a comprar direitos de tradução e realizaram parcerias com as editoras que mais comercializam livros brasileiros, como a Eterna Cadencia, na Argentina.

Sem dúvida, a língua é uma grande barreira, fato que explica encontrar em um balaio da feira a edição crítica de Manuel Bandeira, publicada pela Coleção Archivos (UNESCO) pela bagatela de nove mil pesos colombianos. Mas o que explica a ausência de bibliografia brasileira traduzida para o espanhol? Restavam, ainda, alguns volumes, especialmente aqueles lançados por editoras espanholas com sede na Colômbia, para a participação do Brasil em 2012. As políticas do mercado da tradução de obras brasileiras, o pouco incentivo às traduções, o comando deste mercado específico na mãos de poucas editoras, a dominância na feira das editoras colombianas... enfim, todos esses elementos são claramente ingredientes da fórmula que resulta no tamanho da participação brasileira no evento deste ano.

Por Débora Cota  
Revisão: Patrícia Librenz

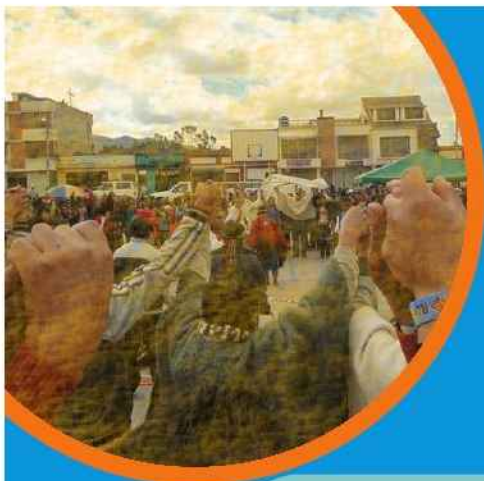
# O Ìnti Raymi (Festa do Sol) e a reemergência dos povos indígenas

Por Vitor Taveira/periodista latino-americano  
Revisão: Patrícia Librenz

**21 de junho.** São 5 da manhã e uma multidão se reúne no parque arqueológico de Tiwanacu, a 3800 metros de altura, na Bolívia. Bandas com instrumentos tradicionais tocam e alguns dançam ao redor, talvez embalados pelo ritmo, mas, sobretudo, para vencer o frio, próximo a zero grau.

Detrás das montanhas, despontam os primeiros raios de sol. As mãos erguem-se, saudando a primeira aparição do Tayta Inti, o pai sol, no novo ciclo que se inicia. É a culminação da Festa do Sol, o Inti Raymi, em quáchua, ou Wilka Kuti, como chamam os aymaras de Tiwanaku. Em 2006, neste mesmo sítio arqueológico, Evo Morales, primeiro presidente indígena do país mais indígena da América Latina, tomava posse dentro dos rituais tradicionais dos povos originários, um dia antes de tomar sua posse dentro dos ritos ocidentais e republicanos. Era um símbolo de um novo desafio: descolonizar o poder.

**22 de junho.** É meia noite e há que apertar-se para cruzar a pequena ponte de madeira que dá acesso à cachoeira do Peruche, em Otavalo, Equador. São centenas de pessoas ao redor, as mais corajosas superam o frio e entram nas geladas águas para receber a bênção de um tayta (xamã ou curandeiro como diria o vocabulário ocidental).



Perto dali, na praça de Peruche, em cima do palco há apenas oferendas e um animador. As bandas musicais não sobem ali. Geralmente formadas por pequenos grupos de jovens, elas estão dispersas pela praça, circulando entre o povo.

Cada banda leva junto muito mais pessoas, que dançam circularmente ao seu redor. A dança é simples e coletiva, todos podem participar, não existe dança em casal ou individual, nem o espetáculo. A essência é o compartilhar. Assim como compartilham a chicha, bebida tradicional fermentada de milho, distribuída muitas vezes gratuitamente. Cooperar ao invés de competir. É o primeiro passo para descolonizar a forma de ser e sentir.

O solstício de inverno, no dia 21 de junho, marca o fim da colheita e o início de um novo ciclo para os povos originários da América Latina – ou Abya Yala, como alguns preferem chamar para superar o duplo colonialismo marcante naquela expressão. Representa o ano novo indígena, e assim é denominado no calendário oficial boliviano.

De alguns anos para cá, os povos originários passam por um processo potente de revalorização cultural e social e o Inti Raymi, celebrado especialmente na região andina, não para de crescer, sendo, inclusive,

celebrado agora em lugares onde essa tradição já havia sido perdida. Em certos locais, as comemorações podem durar até um mês.

Esta festa traduz boa parte do caráter espiritual dos povos originários da região. A espiritualidade andina não é apenas uma caixinha mais entre tantas, como costumamos ver como seres ocidentais, acostumados a separar natureza e cultura, razão e sentimento. Ela é, justamente, o elemento que entrelaça um saber construído desde o sentimento de comunidade e de comunhão com as forças da natureza. A espiritualidade é resistência. Resistência histórica, holística, cotidiana. Os indígenas tiveram que aprender a língua, as leis, os livros dos brancos e mestiços para poder resistir e continuar sendo indígenas em um sistema colonial que desconsidera suas tradições e pensamentos.

Agora, para nos humanizarmos e garantirmos a sobrevivência da espécie no planeta, talvez seja o momento de começarmos a ouvir a voz dos povos historicamente subjugados, que em sua silenciosa e constante resistência na longa noite do colonialismo, trazem uma luz que carregavam em segredo em sua caminhada: a espiritualidade, a harmonia, o respeito e a conexão com a Pachamama, a mãe natureza. Lembrando que ela pode viver sem nós, mas nós não podemos viver sem ela.



# CLARISA SE FUE CON LA BRISA.... A LA TIERRA DE NIEVE Y MAR PARA PEDIR PERDON A UN VOLCAN

Conto baseado no ritual que as mulheres Kogui, grupo étnico da serra nevada de Santa Marta, na Colômbia, fazem no percurso do vulcão Nevado del Ruiz. O Vulcão que fica na cidade de Villa Maria fez erupção há 28 anos, e faz 18 anos que as mulheres Kongi viajam até o nevado del Ruiz para pedir perdão pelos erros e abusos da humanidade.

Un día Clarisa despertó sin ser vista... se asombró con el día, pues era bello pero sin brisa.

Se fue caminando buscando la brisa y quien cerca pasaba, la miraba y le daba su sonrisa, que bella es Clarisa, andando entre la gente, entre sonrisa y sonrisa... busco la brisa durante todo el día, pensando, a donde ella iría, entre tanto el día así transcurría, la pobre Clarisa, ya no sonreía, pero de repente en lo lejos vio un árbol solitario llorando en el bosque, Clarisa se preguntó, si la tristeza del árbol sería porque la brisa desapareció, como un camino de agua en un segundo junto al árbol estaba, lo observo y lo toco, preguntándole que le pasaba, el árbol silencioso, ahora sonrió, Clarisa tu ausencia el bosque sintió... Clarisa, se quedó observando que todo el bosque la estaba mirando, entonces ella, se acurruco y en un riachuelo pequeño se convirtió, por un agujero se deslizo, en una enorme catarata se mezcló, entonces dio un salto, al vacío callo, cerro sus ojos y la brisa halló, pues por todo su cuerpo la sintio, luego despertó y tuvo claridad de su libertad... tuvo conciencia de su presencia, que como el agua hallaba el viento, así Clarisa abrió su armario, cogió sus botas, un jeen, una camisa de colores, unos aretes largos artesanales que un jipi le habría regalado en el parque, su mochila donde guardo su billetera , un cuaderno, un lápiz... y partió, dejando una nota con poema en el que decía hasta luego... voy a caminar el mundo.

Comenzó su camino con paso firme, como quien sabe a dónde iría, llevo a un bosque cerca del mar, rodeado por montañas y nieve blanca que se derretía, formando riachuelos en donde gente del bosque vivía... unos hombres con un gorro blanco la saludaron sin decir hola, solo la miraron, ella se preguntó que serían aquellos gorros que sus nuevos amigos kogui lucían, gorros parecidos con el nevado que acompañaba el mar, en un bosque cantante, los gorros nos ayudan a escuchar el cosmos... entonces Clarisa con sus manos mágicas tomo un gorro que uno de sus amigos descuido, cerro sus ojos, escucho una voz, una voz de mujer, tomo el lápiz y sacó su cuaderno de la mochila y escribió, (la tierra es joven, pero tiene mucho dolor de estómago y le duele la piel)... los sabios amigos siguieron su camino, debian ir donde la nieve nacia, Clarisa los invito a disfrutar del mar, pero ellos con tristeza

partieron, entonces ella corrió detrás, para conocer los niños que jugaban con agua, personas de maíz, hombres guardianes del bosque.

Clarisa conoció mujeres kogui, que con un instrumento que sonaba como el viento, iban de viaje a un volcán hermoso, imponente y mal-humorado en otro extremo de aquella tierra natural, los hombres blancos le dieron el nombre de Volcán Del Ruiz, alrededor de este nuevo lugar había unas plantas, enanas con cabellos blancos como ancianos protectores de la nieve y el agua, los frailejones levantaron sus cabezas, saludándola con misterio... ella observó con respeto.

Los frailejones bajaban la cabeza al paso de las mujeres hijas del jaguar, Clarisa comenzó a sentir como la respiración de las mujeres estaba sincronizada con la respiración de la tierra, como la tierra evidentemente comenzaba a respirar como si su espíritu caminara junto a ellas.

Entonces tomó su lápiz y su cuaderno y dibujando una flor, escribió (camine junto a la tierra y escuche su respiración) cuando estuvieron en la boca del volcán, las mujeres comenzaron a orar, de la boca del volcán una mano de humo salió, Clarisa cerró sus ojos y comenzó a repetir la oración a la tierra, sintió el giro del planeta como si ella estuviera en el cosmos, escuchó un grito, luego un llanto, luego una aceptación, y todas las mujeres dieron un abrazo a la pobre tierra abatida y triste, que comprendió la condición humana y perdonado una vez más... Clarisa escribió en su cuaderno (el perdón de la tierra, es perdón de mujer, que es perdón de mamá, perdona con el alma y acredita que no pasará más).

Clarisa vuelve a casa con el alma tranquila, observando el mundo con mucho más amor, Clarisa sabe que viajara otro día, por ahora la brisa en sus bolsillos se coló, buscando historias, buscando vida, con la rendición del amor. Clarisa abraza su familia que la recibe con mucha alegría, luego en frente a su ventana se da cuenta que la tierra sonríe otra vez, recuerda con amor a sus amigas Kogui que salvan el mundo, que ni cuenta se da... Clarisa descansa pensando la vida, después de su presencia, percibió su esencia, se acuesta a dormir y comienza a soñar, vamos a ver si el sueño de Clarisa le da un mensaje que la despierte de prisa y la lleve algún mundo donde suceda la vida ante sus ojos incautos y su cuaderno siempre alerta.

Texto: María Martelo Torres/Gestora Cultural de Bogotá

Fotos: Archivo/VANGURDIA LIBERAL


Por María Martelo  
Gestora Cultural-Colombiana

# QUEDA D'ÁGUA NA MENTE FLUIDA A TRANSCENDÊNCIA DA LENDA DAS CATARATAS

Por Lúcio Maier  
Foto: Marcos Labanica  
Revisão: Patrícia Librenz

Quando os primeiros navegadores europeus lançaram-se ao mar em direção ao desconhecido, o imaginário, tão vasto como o trajeto, acompanhava-os a bordo, oferecendo uma diversidade de seres e possíveis acontecimentos que pudessem preencher o espaço que a racionalidade demandava, explicações sobre algo que viriam a conhecer, sentir e interpretar. Mas a natureza do imaginário é cosmopolita, transcultural, transcende tempo e espaço dela não escapam os povos e suas culturas, desde a pré-história, tentando compreender todos os elementos do mundo que os rodeia, norteia e se faz necessário seu entendimento para a manutenção de sua sobrevivência. Como os navegantes, o imaginário viaja, entrecruza-se com outros e transforma-se, renova-se, acompanhando a civilização até seus dias mais contemporâneos, nos quais até mesmo a ciência é colocada em cheque, como as lendas já foram em algum momento.

Lendas são construções narrativas para explicar fenômenos da realidade, muitas vezes recorrendo a explicações fantasiosas – ou fantásticas – que são passadas por gerações e, tal como é, constroem parte da identidade de um grupo, entendido como povo, tribo, comunidade etc. Não se trata apenas de uma história fictícia que dê conta de algo real – como a lenda da origem das Cataratas do Iguaçu – mas de um elemento de configuração elementar e enraizante sobre quem o ouve e quem o conta, intrínseco à cultura do povo que o carrega. Antes da invenção da escrita, ou mesmo do contato de alguns povos com a essa forma de comunicação, a tradição da transmissão de conhecimento era realizada pela oralidade, através de lendas, mitos, cerimoniais – apenas citando alguns. Como forma de manutenção da memória desse povo, as histórias eram repetidas oralmente pelas suas gerações. Assim, as mensagens de suma importância que configuravam identidades e ensinamentos, mantinham-se vivas através da oralidade.



Cada lenda, diferindo-se de outras em qualquer canto do mundo, remete à riqueza cultural de quem a preserva, representa uma configuração sobre a realidade. São parâmetros que revelam a função implícita de cada história – uma lenda sobre um ser misterioso serve para controlar populações sobre possíveis ameaças, como também pode impor respeito sobre elementos da natureza que lhe são familiares e importantes em seu local de vivência. Trata-se de um diálogo dos habitantes com o seu meio, como olham para sua realidade e, por sua vez, podem voltar a olhar para si mesmos.

Na região da Tríplice Fronteira temos a Lenda das Cataratas, parte íntima de todo o processo de assimilação do homem por esta beleza natural. Num primeiro momento, observando o cenário majestoso das quedas mortais e toda sua impetuosidade, a realidade poderia representar um espaço de respeito, onde o ser humano não detém poder algum. Não há controle sobre as águas nem como desfrutá-la às suas necessidades; ao invés disso, entrega-se à sua contemplação e compreensão sobre algo tão maior e incontrolável.

Surge, então, a lenda:

# LENDA DAS CATARATAS

[Fonte: [www.cataratasdoiguacu.com.br](http://www.cataratasdoiguacu.com.br) (Cataratas do Iguaçu S.A.)]

Conta-se que os índios Caigangues, habitantes das margens do Rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, um deus que tinha a forma de serpente e era filho de Tupã. Igobi, o cacique dessa tribo, tinha uma filha chamada Naipi, tão bonita que as águas do rio paravam quando a jovem nelas se mirava. Devido à sua beleza, Naipi era consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para o seu culto. Havia, porém, entre os Caigangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá que, ao ver Naipi, por ela se apaixonou. No dia da festa de consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá aproveitou e fugiu com a linda Naipi em uma canoa rio abaixo, arrastada pela correnteza. Quando M'Boy percebeu a fuga de Naipi e Tarobá, ficou furioso. Penetrou então as entranhas da terra e, retorcendo o seu corpo, produziu uma enorme fenda, onde se formou a gigantesca catarata.


Envolvidos pelas águas, a canoa e os fugitivos caíram de grande altura,

desaparecendo para sempre. Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira situada à beira de um abismo, inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa palmeira, acha-se a entrada de uma gruta sob a Garganta do Diabo, onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas.

Essa narrativa corresponde à dependência do humano perante a natureza, embora hoje o significado de Cataratas do Iguaçu seja de outra conotação, de admiração sublime, paisagística, e não mais algo que interfira no povoamento dos habitantes ao seu redor. Além da permanência dessa tradição oral, a lenda transcende à contemporaneidade pela própria Garganta do Diabo, abismo que inspira mistérios e reflexões entre seus admiradores. As construções narrativas renovam-se e ressignificam a lenda.

Teorias que correm o mundo afirmam a existência de uma civilização subterrânea, onde habitantes desenvolvidos vivem ocultos, mas



A photograph of a waterfall with a rainbow in the mist. The waterfall is the central focus, with water cascading down rocks. The surrounding area is lush with green vegetation. A faint rainbow is visible in the mist above the waterfall. The sky is a clear, pale blue.

visitando o outro lado, trazendo conhecimentos e tecnologias do centro da Terra. Sendo as Cataratas, sobretudo a Garganta do Diabo, uma das entradas para esse mundo imaginário. Essa é uma das teorias atribuídas também para a origem de óvnis e causas de desaparecimentos de aeronaves ao redor do globo. Além de novas construções imaginárias, a Garganta do Diabo e sua Lenda das Cataratas inspiram criações poéticas como as letras do poeta Alejandro Abdul (Revista Peabiru, nº 8, p. 24 - <http://unila.edu.br/edicoespeabiru>). Além disso, no carnaval de 2014, a escola paulista Tom Maior homenageou a cidade de Foz do Iguaçu, incluindo a lenda das cataratas em seu samba-enredo, traduzindo a oralidade em cores, culturas e imaginações para uma multidão.

O fim lendário do amor proibido permitiu a entrada do imaginário contemporâneo, tradições são preservadas e novas histórias são sugeridas. Uma vez que a humanidade ainda tenha a liberdade de não sufocar sua trajetória somente em explicações racionais, o imaginário estará presente. Apontando caminhos e entrelaçando a existência em seres de tempos e espaços dispersos na imaginação. Permitindo o nascer dos arco-íris sobre as quedas, para que os amantes Naipi e Tarobá continuem a se encontrar no relato de sua própria lenda.

Texto: Rafael Maier  
Foto: Marcos Labanca  
Revisão: Patrícia Librenz



A Revista Peabiru é um projeto de extensão realizado com o apoio da Secretaria de Comunicação Social e do grupo PET Conexões e Saberes. Conta com a colaboração de professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da UNILA.

O projeto surgiu com a ideia de produzir uma revista para dialogar com o contexto cultural da América Latina e da região das Três Fronteiras que envolve a Universidade, direta ou indiretamente. A Revista tem por finalidade contribuir para a integração dos diferentes cenários culturais manifestados pelas distintas vozes que ecoam por estes espaços.



CONTATO:

[revistapeabiru@unila.edu.br](mailto:revistapeabiru@unila.edu.br)

[unila.edu.br/revistapeabiru](http://unila.edu.br/revistapeabiru)

